



Timor-Leste
Os 500 anos
da chegada dos
portugueses

Pág. 2

A reedição da
Arquitetura
Timorense
de Ruy Cinatti

Pág. 2

Uma trintena de projetos
na ação cultural externa
do Camões, I.P. em 2016

Pág. 3

Portugal na Guerra de 14-18
Exposição e livro assinalam
100 anos

Pág. 4

Concurso
Lusófono
da Trofa 2015

Pág. 4

A reedição da *Arquitetura Timorense* de Ruy Cinatti

■ A importante monografia sobre a arquitetura e os *habitats* timorenses, da autoria de uma equipa chefiada pelo poeta e antropólogo Ruy Cinatti, escrita no início dos anos de 1960, mas só publicada em 1987, um ano após a sua morte, vai ser reeditada em 2016 – dando a conhecer materiais que não chegaram a ser incluídos na publicação original –, sob a égide do antigo diretor do Museu Nacional de Etnologia (MNE), Joaquim Pais de Brito.

O interesse da obra *Arquitetura Timorense*, no dizer do investigador e professor universitário, reside no facto de contemplar «aspectos de um Timor de há 65 anos», então colónia portuguesa, veiculando «informações de um passado já remoto, depois das convulsões que houve e da transformação da paisagem habitada» daquele país insular do extremo oriente asiático, situado no arquipélago de Sunda. «Muitas das construções que ali estão representadas deixaram de existir. Outras, eventualmente, serão retomadas por critérios de defesa de património, por critérios ritualistas e até simbólicos. (...) Outras serão retomadas por princípios inventivos ligados a formas arquitetónicas», afirma o antropólogo.

A informação etnográfica «continua a ser muito pertinente», sobretudo pelas pistas que deixa, sublinha. Hoje em dia há uma nova curiosidade por Timor, «da parte dos próprios timorenses e dos investigadores que, entretanto, retomaram o trabalho de pesquisa, em torno das suas culturas», refere Pais de Brito. «Nesse sentido, é mais um elemento, um contributo, para aquilo que é (...) a biografia de um país, através do que se escreveu sobre ele».

O livro, que Pais de Brito descreve como «um documento histórico», é



também importante porque «revela ainda algo da intenção das instituições da metrópole» colonial sobre o modo de «utilizar formas construtivas e materiais para desenvolvimento urbano na altura». Na época, a administração

portuguesa conduzia inquéritos deste género noutros territórios sob administração colonial. «Era, no fundo, um inquérito sobre arquitetura e urbanismo que pudesse influenciar políticas de intervenção» no urbanismo dos centros urbanos, mas também – «e eles são muito claros em relação a isso neste inquérito» – «em relação a certas vantagens em utilizar modos construtivos e materiais que não só embarateciam como estavam mais articulados com os climas».

A obra estabelece uma tipologia de casa, sete tipos de casa, segundo as áreas regionais de Timor, dizendo ao mesmo tempo que a generalidade dos materiais é comum, explica o antigo diretor do MNE. As formas construtivas é que variam, tendo a ver com cada região concreta e com outros aspetos, como «a relação entre a casa – que é a casa do grupo doméstico, (...) de uso comum – e a casa que guarda os objetos sagrados, com outro tipo de cuidados, de guarda, vigilância, e também de investimento emotivo e ritual. Também essas foram danificadas pela ocupação indonésia».

Foi o carácter histórico do livro, a par da informação etnográfica que veicula, numa altura que há um novo interesse por Timor, que levou o MNE – na altura dirigido por Pais de Brito e agora por Paulo Ferreira da Costa, que deu continuidade ao projeto – a aceitar proceder à reedição da obra quando foi contactado nesse sentido por parte do Camões, I.P., no âmbito das comemorações dos 500 anos da chegada dos portugueses a Timor, assinalada em 2015.

«O livro será sempre um instrumento de trabalho para aqueles que continuam a inquirir e a estudar, a conhecer a História, não só da paisagem habitada, mas dos modos de habitar,

das construções, que passaram por um período de dizimação, por um lado, com a ocupação de Timor, mas, por outro lado, com a evolução natural de um país, que se vai transformando, de que restam elementos que ali estão contemplados», diz.

OS «BASTIDORES»

A missão que recolheu no terreno o material para a obra, fazendo nomeadamente o levantamento do *habitat* e das casas em Timor, decorreu durante 4 meses, em 1958/59. Foi constituída, para além de Ruy Cinatti – que teve o primeiro contacto com o território após a II Guerra Mundial, como secretário do governador colonial – pelos arquitetos António Sousa Mendes e Leopoldo Castro de Almeida (filho do escultor Leopoldo de Almeida e irmão da artista plástica Helena Almeida). «São eles que praticamente ficam sozinhos, pouco tempo depois da chegada a Timor, porque Ruy Cinatti parte para Oxford, para os seus trabalhos académicos», refere Pais de Brito. «Há indicações de que a obra estava concluída em 61. Mas foram-se metendo trabalhos para cada um, a própria vida académica do Cinatti», pelo que o livro «fica por publicar quando o Cinatti entretanto morre, em 1986».

É no ano seguinte, quando o MNE faz uma exposição em torno da obra de Cinatti e edita alguns dos seus trabalhos, que o livro é finalmente publicado, recorda Pais de Brito, que deixou a direção do MNE em março de 2015, já com o projeto de reedição em andamento.

A republicação da *Arquitetura Timorense* – que está na fase de conceção gráfica, a cargo de Luís Miguel Castro, nome de destaque do *design* gráfico em Portugal –, inclui material novo, fruto daquilo que Pais de Brito descreve como a «coincidência» de ter conhecido a viúva do arquiteto Leopoldo Castro de Almeida, a pintora Rosa de Almeida, quando foi contactado pelo Camões, I.P. para o projeto. Rosa de Almeida «trouxo muita documentação», que levou a equipa – que incluiu ainda a investigadora Ana Botas – «a ver que podia fazer sentido fazer referência àquele novo

material e, eventualmente, incluir algum no livro». O antigo diretor do MNE refere que o livro, «além do Cinatti, tocou muito particularmente Leopoldo Castro de Almeida», pelo cuidado que pôs no seu trabalho, pela quantidade de desenhos e versões de texto que fez.

Pais de Brito sublinha, no entanto, que se respeitou, «o mais possível, tudo o que está na 1ª edição», não tendo havido alterações de texto. Houve pequenas correções – uma legenda que não correspondia à imagem ou um mapa corrigido, porque estava invertido –, que estão indicadas, «porque de facto é uma reedição».

O que foi feito foi acrescentar, «além do livro, vinte e poucos documentos novos que revelam o processo de trabalho, que não estava explicitado na 1ª edição», indica o antropólogo. Mostra-se «o modo como, sobre uma planta, se escrevem as anotações de que se faz o inquérito no terreno, o nome das partes construtivas, dos materiais, quem ocupa o quê, em que espaço da casa, as designações em línguas locais – essas hoje particularmente importantes para novos investigadores que estejam no terreno – e até desenhos novos, que não estavam presentes na 1ª edição – desenhos de uma aldeia, de um pedaço de paisagem com aglomerados, de uma casa nunca desenhada na 1ª edição, etc.»

A reedição inclui ainda «uma carta do Leopoldo [Castro] de Almeida a Ruy Cinatti muito interessante, porque mostra que, em 1960, se está muito próximo do livro estar pronto. Percebe-se que o arquiteto pede a Ruy Cinatti, em Londres, que lhe faça as correções de partes do texto que vão sendo acabadas e consideradas como encerradas» e valide as fotografias a incluir. A carta mostra o processo de trabalho e «dá também uma voz e uma presença humana, da própria mão que desenha sobre uma planta». Tudo isso é explicado numa apresentação do livro. Esta recuperação do que Pais de Brito classifica como «o processo dos bastidores» é feito de uma «forma muito discreta, para não interferir com o livro, porque não se trata da análise do livro».

Timor-Leste Comemorações dos 500 anos da chegada dos portugueses

■ Os 500 anos da chegada dos portugueses à ilha de Timor foram assinalados em 2015 Timor-Leste por diversas cerimónias que foram o ponto culminante de um programa comemorativo que teve, do lado português, uma forte incidência cultural.

As comemorações, que coincidiram temporariamente com os 40 anos da declaração unilateral da independência de Timor-Leste pelo governo da FRETILIN, depois suprimida pela invasão indonésia, incluíram música, cinema, espetáculos de marionetas, o lançamento de livros e revistas e a

realização de uma feira do livro em Oe-cusse, o enclave situado no Timor ocidental, onde os portugueses se estabeleceram pela primeira vez de forma duradoura naquela ilha do arquipélago da pequena Sunda.

Entre os eventos realizados com o apoio do Camões, I.P., contou-se o Festin – Festival de cinema itinerante de língua portuguesa, na Fundação Oriente em Díli, em outubro, com grande recetividade do público, um concerto de piano de Júlio Resende, que homenageou Amália Rodrigues, recriando, ao piano, algumas das suas

canções, o lançamento de diversos livros e da «Revista Povos e Culturas», dedicada ao tema *Timor-Leste e Portugal: Cinco séculos de relacionamento*, e um espetáculo de marionetas pela SA Marionetas, de Alcobça, em novembro..

Foi ainda apoiada a produção de um «documentário sobre os 500 anos da convivência entre Portugal e Timor-Leste», pela Fundação Max Stahl, do jornalista que filmou e divulgou o massacre de Santa Cruz -- em 1991, quando o exército indonésio abriu fogo sobre a população, matando 271 pessoas no



local e outras 127 que viriam a morrer nos dias seguintes, segundo a Lusa.

Em Portugal, no âmbito de uma parceria do Camões, I.P. com a Direção Geral do Património Cultural/Museu Nacional de Etnologia, está em curso o processo de reedição da obra *Arquitetura Timorense*, de Ruy Cinatti (v. texto neste suplemento).

CERIMÓNIA

No quadro das comemorações dos 500 anos da chegada dos portugueses foi inaugurado em novembro um

monumento na praia de Lifau, na zona administrativa de Oe-cusse, cujo elemento central é constituído por uma caravela de 8,5 toneladas em bronze, fabricada em Oliveira do Douro, Vila Nova de Gaia.

O monumento em Lifau foi edificado ao lado do padrão que assinala a chegada dos portugueses a Timor-Leste, a 18 de agosto de 1515, e que, outrora, tinha escrita, em azulejos no chão, a frase «aquí também é Portugal».

Portugal foi representado na inauguração do monumento pelo Presidente do Tribunal Constitucional, Joaquim Sousa Ribeiro, numa cerimónia que contou com a presença das principais figuras do Estado timorense – o presidente do parlamento timorense, Vicente da Silva Guterres, o Presidente da República, Taur Matan Ruak, e o primeiro-ministro, Rui Maria de Araújo –, do bispo de Baucau, Basílio do Nascimento, e de vários ministros da CPLP, entre outros.

Timor-Leste Livros no programa das comemorações

As comemorações dos 500 anos da chegada dos portugueses à ilha de Timor, em 2015, foram férteis no campo editorial, com a realização de uma feira do livro e a publicação de obras sobre a sua literatura oral e a sua história, com o apoio do Camões, I.P.

A Feira do Livro *Mares de Palavras*, em novembro passado, na zona administrativa de Oe-cusse, pretendeu promover a língua portuguesa, incentivar hábitos de leitura, permitir o acesso de alunos e professores a obras que, outro modo, não teriam possibilidade de adquirir. Estiveram disponíveis 1.500 títulos, dos mais diversos géneros, a preços reduzidos.

O primeiro Dicionário Português Tétum, que culmina 5 anos de trabalho de uma equipa maioritariamente constituída por técnicos timorenses, foi objeto de uma apresentação pública através da sua entrega simbólica pelo Presidente do Tribunal Constitucional, Joaquim de Sousa Ribeiro, que chefiou a delegação de Portugal às comemorações, de um exemplar ao primeiro-ministro timorense Rui Maria de Araújo. Está agora disponível um instrumento importante no ensino do português aos falantes de tétum-praça, adaptado aos diferentes níveis de proficiência, podendo ser não só objeto de consulta pelo público em geral, bem como um valioso utensílio de apoio a outras matérias didáticas.

Durante a Feira do Livro de Oe-cusse foi lançada uma nova edição da obra *Contos e Lendas de Timor-Leste* (editora Húmus), da responsabilidade de Anabela Leal de Barros, professora auxiliar do Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos da Universidade do Minho e investigadora do Centro de Estudos Humanísticos.

O livro, que teve uma edição com uma pequena tiragem em 2014, agora revista e ampliada, dá corpo a um projeto em curso desde 2002, segundo a autora. O conjunto de 31 contos populares e lendas de Timor-Leste reunidos no livro corresponde às versões recolhidas e registadas em língua portuguesa por falantes timorenses de diversas línguas maternas, oriundos de diferentes distritos. Na ilustração da obra, coube a Paulo Ribeiro «a proposta de trasladar para fotografia todos os ângulos» da coleção de *tais* [panos multicoloridos timorenses] da autora, «para inclusão alternada, mas sempre timorense, dos tecidos fantásticos do tear entre os tecidos verbais da imaginação»

No campo da história, destaca-se para a publicação em 2015, pelo Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa (UCP), da obra *Timor no Passado*



Fontes para a sua história (Séculos XVII e XVIII), com recolha e edição do historiador e professor universitário Artur Teodoro Matos, que reúne um conjunto de documentação, na sua maior parte inédita e constituída por relatórios sobre a ilha e regimentos ou instruções destinadas aos seus governadores, «de grande interesse histórico e que se encontram maioritariamente dispersos por arquivos estrangeiros».

Os documentos, publicados com notas e grafia atualizada, respeitam sobretudo aos séculos XVII e XVIII e «traçam a presença portuguesa e o comportamento da população da ilha, desde o período anterior à Capitania-geral de Timor, até aos finais do século XVIII, com o governo de Feliciano António Nogueira Lisboa». Além disso, «retratam o quotidiano da população timorense, constituindo uma fonte de inegável valor antropológico. A introdução que os antecede, não só enquadrar os no seu contexto histórico, como alerta o leitor para a novidade contida nestas fontes», refere uma nota publicada no sítio da Faculdade de Ciências Humanas da UCP

Da responsabilidade do mesmo Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da UCP foi também a publicação de um número da revista 'Povos e Culturas', de que são diretores Artur Teodoro de Matos e Roberto Carneiro, sob o título *Timor-Leste e Portugal, Cinco Centúrias de Relacionamento*.

Cobrindo um leque muito vasto de temas, agrupados em sete temas (genericamente história, religião, língua e cultura, independência, cooperação, educação e formação, segurança e cooperação militar), acolhe colaborações de nomes como Jorge Sampaio, Rui Machete, Luís Amado, Adriano Moreira, Ximenes Belo, Vítor Melícias, Luís Filipe Thomaz, Carlos Gaspar, Virgílio Meira Soares, António Barbedo de Magalhães, Adelino Gomes e Rui Marques.

Uma trintena de projetos na ação cultural externa do Camões, I.P. em 2016

São cerca de uma trintena os projetos específicos – muitos dos quais se desdobram por múltiplos eventos –, agrupados em quatro grandes linhas (artes visuais e performativas; cinema português; língua e literatura; e memória), que o Camões – Instituto da Cooperação e da Língua se propõe promover ou apoiar em 2016 no âmbito da sua ação cultural no exterior de Portugal.

Algumas dessas atividades vão ser objeto de apresentação amanhã, em Lisboa, no âmbito do *Seminário de Cooperação Internacional – Desenvolvimento, Cultura, Língua – Portugal no Mundo*, durante o qual são apresentadas e debatidas, com participantes oriundos da rede diplomática, consular, cultural e de cooperação, as linhas de orientação do Camões, I.P. para ação cultural externa em 2016.

Na primeira dessas linhas, destaque para os projetos apoiados no âmbito do Programa de Apoio à Internacionalização da Direção-geral das Artes), o *Cinema na(s) cidade(s)*, em colaboração com o Arte Institute de Nova Iorque (América, Europa, África), a circulação da exposição *Portugal te Marca* (fotografia e oficinas de Luísa Ferreira, com itinerância prevista pela América Latina e África.

Ainda no setor das exposições, particular enfoque na mostra que o cineasta Pedro Costa e o artista plástico e Prémio Pessoa de 2015 Rui Chafes preveem realizar na Coreia do Sul. Outras atividades previstas são o projeto *Arte urbana: Livro em Movimento – Pintura de Murais*, com a participação dos ilustradores André Letria e Guido Scarabogolo, que consiste na criação de 12 murais na Zona 8 na área Console Marcello, um bairro pobre e degradado dos subúrbios de Milão, a XIV Mostra de Portugal em Espanha, os Chantiers d'Europe, em França, o Festival Sete Sóis, Sete Luas (Cabo Verde, Itália, Marrocos, Tunísia, Israel) e as digressões do Teatro Nacional D. Maria II na Europa (Alemanha e França) e do espetáculo *Ode Marítima*, que tem protagonista o ator Diogo Infante, pela África do Sul e Espanha.

A linha do cinema português vai ter em 2016 uma edição especial da revista *Camões*, para além da realização ou apoio à realização de múltiplos ciclos de cinema e a participação em festivais, bem como a promoção de ciclos de homenagem aos realizadores portugueses já falecidos Manoel de Oliveira e José Fonseca e Costa.

Na língua e a literatura, a atenção vai para a participação e a realização de feiras do livro e de concursos literários e de jornalismo cultural, bem como a renovação de fundos bibliográficos e audiovisuais. O Dia Internacional da Língua Portuguesa e da Cultura da CPLP (a 5 de maio) será assinalado, assim como o centenário

do nascimento de Vergílio Ferreira e os 250 anos do nascimento de Manuel Maria Barbosa du Bocage. Está previsto igualmente a edição atualizada da obra *Valor económico da Língua Portuguesa*, cuja primeira publicação resultou de uma encomenda do Camões, I.P. a uma equipa de investigadores do ISCTE-IUL. Incluídos nesta listagem estão igualmente o projeto *Espólio Pessoa* – cursos e oficinas de trabalho sobre Fernando Pessoa, em colaboração com a Casa Fernando Pessoa, e os prémios da Associação Portuguesa de Escritores e Eduardo Lourenço.

Por último, na linha da memória, avulta o projeto *Portugal e a Grande Guerra. Contextos e protagonistas*, que compreende uma exposição em painéis itinerante, a publicação de um livro e a realização de conferências (v. texto neste suplemento). Outras atividades – além das comemorações do 25 de Abril e do Dia de Portugal – são as comemorações dos 400 anos da fundação de Belém do Pará, com uma edição especial da Revista *Camões*, e a circulação da exposição *Homenagem Casa dos Estudantes do Império*, a propósito da celebração das independências africanas.

Os projetos específicos preveem ainda a existência de «eixos temáticos» gerais, promovendo «a pluralidade de tendências no campo da criação e do pensamento», como sejam os direitos humanos e liberdades; artes e cidades; proteção do património cultural; e cultura e migração.

CONSENSO

O Camões, I.P. tem estatutariamente por missão «a proposta e execução da ação cultural no estrangeiro, com os amplos objetivos da promoção externa da língua e cultura portuguesas e da coordenação da política de cooperação neste domínio».

Num documento divulgado em dezembro junto da rede do Camões, I.P. sobre as linhas de orientação para a ação cultural externa, reconhece-se

que «os conceitos de diplomacia cultural – entendido como mecanismo de diplomacia pública, em que a cultura é utilizada pelos Estados para prosseguir objetivos de política externa – e de relações culturais – troca mútua de culturas para gerar confiança e compreensão mútua entre os povos – não são consensuais», mas afirma-se que «os debates mais recentes na União Europeia têm vindo a aproximar estas duas noções, com base na ideia de que a diplomacia cultural é um instrumento essencial nas relações externas da UE».

Tendo em conta os recursos disponíveis, o Camões, I.P. tem vindo a desenhar uma estratégia de relações culturais externas que tem por base a promoção da diversidade cultural, o diálogo intercultural, assente numa abordagem *people-to-people*, de partilha de conhecimento e troca de experiências.

No centro dessa estratégia está a internacionalização da cultura, que tem em conta vários parâmetros enquanto 'bem público', 'fonte de conhecimento', 'fator de coesão e de diálogo' e 'motor de desenvolvimento'.

Assim, segundo o documento que acolhe as linhas de orientação para 2016, a difusão da cultura portuguesa no exterior «assentará na diversidade de expressões artísticas, favorecendo a liberdade de expressão, a participação cultural e a fruição alargada a variados públicos», «afirmará a contemporaneidade, o património histórico e cultural», «procurará ser apresentada de forma relacional com a cultura do país de acolhimento» e ser «objeto de reflexão», «potenciará os valores de liberdade de expressão, de solidariedade, inclusão, equidade», «reconhecerá as outras culturas no âmbito dos seus valores» e «procurará contribuir, junto dos países parceiros de cooperação portuguesa, para o desenvolvimento, para a formação de capital humano, governança do setor cultural, capacitação e gestão cultural».



Seminário de Cooperação Internacional



Ana Paula Laborinho

❑ O ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva, encerra amanhã, 7 de janeiro, o *Seminário de Cooperação Internacional - Desenvolvimento, Cultura, Língua - Portugal no Mundo*, promovido pelo Camões, I.P. em Lisboa, na sua sede, com a participação de embaixadores de Portugal em diversos países e ainda de representantes de entidades que trabalham em parceria com o instituto.

O seminário, durante a tarde, será aberto pela secretária de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, Teresa Ribeiro, a seguir à qual falará Jaime Reis Conde, da Direção Geral da Cooperação Internacional e do Desenvolvimento (UE), sobre as prioridades da política europeia de cooperação e desenvolvimento.

A Presidente do Camões, I.P., Ana Paula Laborinho, abordará os programas, projetos e ações do instituto em 2016. Os participantes ouvirão e debaterão em seguida com vários conferencistas as temáticas das 'Relações Culturais Externas', da 'Cultura e Desenvolvimento' e das 'Parcerias e Programação'.

O primeiro daqueles temas está a cargo de Stuart MacDonald, do Centre for Cultural Relations - University of Edinburgh (CCR). O segundo caberá a duas conferencistas: Svetlana Sequeira Costa, do Arts Cabinet, uma organização de artes independente de Edimburgo, no Reino Unido, que está envolvida no programa de intercâmbio artístico MENA-NORDEN, entre países do Médio Oriente e norte de África com 4 países do norte da Europa, e Margarida Calafate Ribeiro, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, que falará sobre *Cultura e Política em África*. No terceiro tema intervirão Ana Miranda, do Arte Institute de Nova Iorque, e o historiador e investigador Miguel Bandeira Jerónimo, que falará de *Portugal e a Grande Guerra. Contextos e Protagonistas*.

Cinema é primeira atividade

❑ O cinema é a primeira atividade desenvolvida ou apoiada pelo Camões, I.P. no âmbito da ação cultural externa entre 2012 e 2014, segundo os dados revelados por um documento divulgado junto da rede do Camões, I.P. sobre as linhas de orientação para a ação cultural externa em 2016.

A Literatura foi preponderante em 2011 (21,4%), seguida pelo Cinema (19,3%). Mas em 2012 e 2013, a posição entre as duas áreas inverteu-se e o Cinema foi o domínio principal. Em 2014, manteve-se a preponderância do cinema (17%), logo seguido pela Literatura (16,5%).

Em 2014, foram desenvolvidas 1.071 ações culturais (o que se traduziu num aumento de 22,40% relativamente ao ano de 2013), promovidos 86 projetos com itinerância e exibidos 145 títulos cinematográficos.

Segundo o documento, os dados comparativos dos relatórios anuais 2011-2014, permitem registar um decréscimo do número de atividades entre 2011 (1042) e 2012 (715), sendo referida como principal causa a redução de orçamento. Um ligeiro aumento é registado em 2013 (875), e um aumento significativo em 2014, ano em que foram desenvolvidas 1.071 ações culturais (aumento de 22,4% relativamente ao ano anterior).

De forma regular, regista-se um maior número de ações realizadas na Europa entre 2011-2013, ainda que entre 2012 e 2013 tenha ocorrido um decréscimo de 3% em relação ao total global; um aumento progressivo do número de atividades realizadas em África; um decréscimo das atividades na América, entre 2011 e 2012, mas tendência para ligeiro aumento desde 2012 até 2014; um decréscimo de iniciativas na Ásia, entre 2011 e 2013 e um aumento em 2014;

O orçamento do Camões, I.P. alocado aos programas de ação cultural externa foi de 2,37 milhões de euros em 2014 e de 3 milhões em 2015, repartidos pelos programas Cultural e Cultura e Desenvolvimento.

Concurso Lusófono da Trofa

❑ O Conto *O Ploc do Pollock*, de Rui de Almeida Paiva, de Lisboa, foi o vencedor da edição de 2015 do Concurso Lusófono da Trofa - Prémio Matilde Rosa Araújo, recebendo um prémio de dois mil euros.

Os vencedores das várias categorias do concurso organizado pelo município da Trofa com o apoio do Camões, I.P. foram revelados a 19 de novembro, durante as comemorações do 17º aniversário de criação do concelho, numa cerimónia realizada na Casa da Cultura local.

Na edição de 2015, foram ainda distinguidos com menções honrosas os contos *O homem que tropeçava em tudo*, de Raquel Elisabete Galdes Mateus, de Leiria, *Dona Girafa quer conversar*, de Regina Maria Boratto Cunningham, do Brasil, *Dandiva a menina ganhou uma bolsa de estudo*, de Celso Celestino Cossa, de Moçambique, *O Senhor Araújo*, de Maria Augusta Évora Tavares Teixeira, de Cabo Verde.

O Prémio Melhor Ilustração Original 2015, no valor de 1.250 euros, distinguiu o trabalho de Ivone Martins Gonçalves, de Lisboa, categoria em que Diana Andrade Palheiro, de Portugal recebeu uma menção honrosa.

O Prémio Lusofonia 2015, no valor de 750 euros, foi para o Conto *Guarda-chuva? Guarda-chuva*, de Roberto Basílio de Matos, do Brasil.

A edição do Concurso Lusófono da Trofa - Prémio Matilde Rosa Araújo de 2015 contou com um total de 272 participantes, oriundos dos vários países de língua oficial portuguesa.

Portugal na Guerra de 14-18 Exposição e livro assinalam 100 anos



Cais de Santa Apolónia, embarque do Corpo Expedicionário Português para Flandres, após entrada de Portugal guerra, 1917. Foto de Joshua Benoliel. Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico

❑ Com uma exposição de painéis e uma coletânea de textos de historiadores e investigadores, publicados originalmente no jornal *Público*, o Camões, I.P. assinala em 2016 os 100 anos da entrada de Portugal na Grande Guerra de 1914-18. A exposição de caráter informativo e didático - prevista no plano de atividades do Camões, I.P., que tem a seu cargo «a missão de divulgação externa de Portugal», como explica numa nota introdutória do livro a sua Presidente, Ana Paula Laborinho - destina-se a circular na rede de cátedras, centros de língua e centro culturais do instituto no estrangeiro.

A exposição bilingue (português e inglês) de 16 painéis, densamente ilustrados com fotografias da época, apresenta em cinco capítulos, os principais aspetos da participação portuguesa na Primeira Guerra Mundial: *A entrada na Guerra; O mundo das trincheiras; Preservar (e consolidar) o Império: as frentes africanas; Os Fins da Guerra; e As memórias da Grande Guerra*.

O livro, organizado pelo historiador Miguel Bandeira Jerónimo, que é também o curador da exposi-

ção de painéis, «constitui o complemento apropriado à exposição *Portugal e a Grande Guerra. Contextos e Protagonistas*, promovida pelo Camões, I.P.», segundo refere o investigador auxiliar do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL). Oferecendo «um conjunto multifacetado de reflexões sobre as origens, os contextos, os impactos e as memórias da Primeira Guerra Mundial», ao analisar vários aspetos da participação portuguesa no conflito global «no interior de um conjunto de contextos e de problemas mais amplos e diversificados», a obra, no dizer do seu organizador «funcionará como dinamizadora de atividades paralelas, designadamente conferências, seminários e palestras, onde se patenteiam olhares contemporâneos não só sobre a erosão que o tempo produziu na memória do grande conflito, como também a persistência dos dramas e das cicatrizes a ele conectados». Nesse sentido, escreve «o livro atuará como um lugar próprio para 'exposições', dentro da exposição».

Com a chancela das Edições 70, a coletânea, acrescenta Miguel

Bandeira Jerónimo, reúne, «por um lado, textos ensaísticos de autores portugueses sobre aspetos diferenciados da participação portuguesa na 1ª Guerra Mundial e, por outro, inclui um conjunto diversificado de entrevistas realizadas a um leque de historiadores e outros cientistas sociais consagrados oriundos de várias academias estrangeiras (França, EUA, Irlanda e Reino Unido)». «Pela amplitude dos temas abordados, quer sobre a forma de ensaio, quer sobre a forma de entrevista, a publicação contribui para uma contextualização atualizada do fenómeno da 1ª Guerra Mundial numa perspetiva comparativa», considera o investigador do ICS-UL. Entre os autores que contribuíram para a coletânea estão Filipe Ribeiro de Meneses (*Guerra sonhada e guerra vivida: as contradições do intervencionismo português*), Aniceto Afonso (*Portugal e a Grande Guerra, a questão militar*), José Manuel Sobral (*Heróis do mar: a nação, o império e a participação de Portugal na Primeira Guerra*), Miguel Bandeira Jerónimo (*Os choques da civilização: testemunhos, horrores e silêncios*), Isabel Pestana Marques (*A correspondência do desassossego e da saudade*), António Araújo (*A guerra e o sagrado*), Filipa Lowndes Vicente (*Que imagens contam o que foi a Grande Guerra?*), Anne Cova (*As mulheres foram ativistas na guerra, depois voltaram ao lar*), Sílvia Correia (*Celebrar a vitória em dia de derrota - afinal, a quem pertencem as políticas da memória da Primeira Guerra Mundial?*), Nuno Severiano Teixeira (*Portugal na Grande Guerra: memória do passado, desafios do futuro*), Pedro Lains (*Lições económicas da Primeira Guerra Mundial*), António Costa Pinto (*A Primeira Guerra Mundial e a queda da República. Uma relação complexa*) e Fernando Rosas (*Guerra e revolução na Rússia de 1917*).

Os entrevistados estrangeiros são Jay Winter (Universidade de Yale), Frederick Cooper (Universidade de Nova Iorque), Adam Hochschild (escritor, jornalista, professor universitário), Erez Manela (Universidade de Harvard), Françoise Thébaud (Universidade de Avignon e Instituto de Estudos de Género da Universidade de Génova), Nicolas Offenstadt (professor agregado e doutor em História), Richard Fogarty (Universidade de Albany) e Susan Pedersen (Universidade de Columbia).

Camões no Mundo

Portugal
Seminário de Ação Cultural Externa promovido pelo Camões, I.P. em Lisboa, no Palacete Seixas, a 7 de janeiro de 2016.

Exposição do artista plástico Bruno Neto, no Palacete Seixas, em Lisboa, de 15 de Janeiro a 15 de fevereiro de 2016.

Uruguai
O artista plástico português Alexandre Farto,

mais conhecido como Vhils, fará, entre 20 e 23 de janeiro, uma intervenção, organizada por diversas entidades e apoiada nomeadamente pelo Camões, I.P., num muro do porto de Punta del Este, no âmbito da revitalização do centro histórico desta afamada estância balnear uruguaia. Vhils é atualmente um dos artistas plásticos e visuais mais relevantes da contemporaneidade e tem trabalhos espalhados pelos quatro cantos do mundo.



Camões, I.P.

Av. da Liberdade, n.º 270
1250-149 Lisboa
TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987

www.instituto-camoes.pt

jlencarte@camoes.mne.pt

PRESIDENTE Ana Paula Laborinho

COORDENAÇÃO Paula Saraiva

COLABORAÇÃO Carlos Lobato